

MULHERES DE HOMENS, ALMAS DE DEUS: VIOLÊNCIA DE GÊNERO E CONSTRUÇÃO DE SANTIDADE FEMININA NA REGIÃO DO CARIRI/CE

Joaquim dos Santos, José Cláudio Leôncio Gonçalves, Carlos André Silva do Vale, José Brito da Silva Filho; Zuleide Fernandes de Queiroz

Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: c.joaquimsantos@yahoo.com.br; EEP Governador Virgílio Távora. E-mail: claudioleonciojg@gmail.com; Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. E-mail: carlosdovale7@gmail.com; EEP Maria Violeta A. de Alencar Gervaiseau. E-mail: jbsfig@gmail.com; Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: zuleidefqueiroz@gmail.com

Resumo

A pesquisa analisa aproximações entre a violência de gênero e os processos de construção de santidade feminina na região do Cariri cearense do século XX, a partir de alguns casos de assassinatos de mulheres. Nesse sentido, ela almeja compreender as continuidades de antigas práticas de dominação masculina frente o corpo, a vida e a morte de mulheres, e suas aproximações com as devoções católicas não oficiais. Dialogando com os conceitos morte trágica, memória e imaginário, a pesquisa vem sendo desenvolvida mediante o uso da história oral. Desse modo, ela utiliza fontes orais, entrecruzando-as com processos crimes, matérias publicados em meios impressos e virtuais, bem como com os próprios monumentos fúnebres erguidos em homenagens às vítimas. Conforme os devotos das almas dessas mulheres, o sofrimento físico e espiritual na hora da morte significa uma grande injustiça e tormento. Na dimensão imaginária, a violência terrena é reparada no outro mundo, através da salvação da alma e o merecimento da santificação.

Palavras-chave: Morte, Gênero, Violência, Religiosidade, Construção de Santidade.

Introdução

Por todo o Cariri cearense, como em várias outras partes do mundo Cristão, há cruzeiros e capelas dedicadas ao culto aos mortos. Nos acostamentos das estradas e rodovias, nos espaços urbanos e rurais, cemitérios, quintais das casas, trilhas rurais ou mesmo no meio das matas, entre outros espaços, muito(as) desses cruzeiros e capelas se tornaram objetos de devoções não oficiais sobre os quais são depositados ex-votos diversos, constituindo espaços sagrados para os fiéis que cultuam esses “santos” e “santas” do catolicismo não oficial (SANTOS, 2009).

Estranhando nossos olhares para tais artefatos e práticas religiosas, é possível desnudar cenários de violência de gênero sofrida, em muitos casos, por meninas e mulheres vítimas de estupros, seguidos de assassinatos. A vida e a morte, a violência e o sagrado estão nas tessituras constitutivas de muitas dessas devoções.

Nesse trabalho, almejamos compreender as historicidades constitutivas da construção de devoções não oficiais às almas de mulheres, mortas em decorrência da violência de gênero na região do Cariri cearense do século XX.

Para isso, dialogaremos com os conceitos morte trágica, memória e imaginário apresentados, respectivamente, por João José Reis (1991), Alessandro Portelli (2013) e Jacques Le Goff (1994).

Em virtude dos recortes textuais deste escrito, analisaremos sucintamente dois casos, trazendo à baila as aproximações entre eles. Referimo-nos aos assassinatos de Rufina e Maria de Bil, ocorridos em espaços hoje integrantes dos municípios de Porteiras e Várzea Alegre, respectivamente. Nas memórias dos fiéis, suas “almas santas” operam milagres no cotidiano daqueles que as recorrem.

Metodologia

A pesquisa vem sendo desenvolvida a partir dos procedimentos metodológicos da história oral, tomando-a como a arte da escuta e das relações, no sentido apresentado por Alessandro Portelli (2013). Assim sendo, foram realizadas entrevistas com idosos, católicos, residentes nos espaços urbanos e rurais do Cariri. No estudo, as entrevistas orais são confrontadas com outras fontes como jornais, quadrinhos, publicações impressas e virtuais tocantes os assassinatos e as respectivas devoções não oficiais no Cariri, como também os próprios monumentos fúnebres erguidos em memória das vítimas. Nos limites deste escrito, priorizamos as narrativas de mulheres.

Resultados e Discussão

Aos analisarmos as narrativas de devotas da Cruz da Rufina e de Maria de Bil é possível perceber que elas colocam em cena tramas de amor, envolvendo traição, ciúmes e assassinatos.

Para as devotas mais idosas da Cruz da Rufina, esse monumento foi erguido entre os fins do século XIX e início do século XX, em uma vereda rural que cortava uma mata, na área que posteriormente passou a ser conhecida como Besouro, na zona rural de Porteiras. A Cruz marcou o local da sua morte e o espaço onde seu corpo morto foi encontrado, sendo citado ora como estando esquarterado, ora em estado de

decomposição. Estando grávida, ela teria sido violentada, assassinada a tiros e/ou à facadas, e abandona no meio do matagal (SANTOS, 2009).

Conforme as devotas mais idosas, esse assassinato foi ordenado pela esposa de um conhecido coronel da época, com quem Rufina tinha um relacionamento amoroso. O coronel citado nas narrativas foi tenente da Guarda Nacional nos fins do século XIX e líder político de Porteiras no início do século XX. A esposa traída teria ordenado a um dos seus “negos” que desaparecesse com Rufina, que trabalhava e/ou vivia na fazenda do coronel, em Barbalha (SANTOS, 2009).

Rufina foi vítima da esposa traída e da moralidade de então. Nas narrativas, ela foi citada como sendo muito bela, branca e de longos cabelos. Isso atraía atenção e os desejos dos homens. Também foi apontada como uma “mulher da vida”, “mulher do mundo” e “prostituta”, expressões e termo usados para designar o repúdio social às mulheres solteiras e não virgens (também chamadas de perdidas), bem como àquelas que possuíam relações sexuais com homens casados, e os amancebamentos. Rufina não tem sobrenome, origem e nem família. Foi sua morte trágica que a projetou na memória e na piedade dos vivos.

O outro caso analisado traz à baila a figura de uma mulher casada, pobre, mãe de dois filhos e assassinada em 11 de março de 1926 pelo marido. Conforme o *Jornal Diário do Nordeste*, Maria Romeiro foi morar em Várzea Alegre em 1920, vindo de Alagoas e estando na companhia da sua irmã, Madalena, e de seus pais. Em março de 1922, casou-se com Bil.¹ Como mulher casada, ela dedicava-se aos trabalhos domésticos, a cuidar dos filhos e auxiliar o marido nas atividades agrícolas (ALVES, 2014).

Maria estava grávida do terceiro filho quando desentende-se com seu marido. Nas tramas contadas nas vozes, nos periódicos e nos espaços virtuais (sítios e blogs), Bil teria um caso com Madalena, fator este provocador da separação do casal. Depois que essa relação tornou-se conhecida, ele tentou ir embora com Maria, que não aceitou a situação e voltou a morar com seus pais, agricultores pobres. Inconformado, Bil tentou reatar a união, sendo recusado por ela. Como resultado, ele planejou matá-la. Maria foi assassinada cruelmente quando dirigia-se à roça para deixar o almoço para seu pai e outros trabalhadores. Ele fugiu do local e nunca mais foi visto.²

Segundo Daniele Alves (2014, p. 18),

¹ *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, 31 de mar. de 2012. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/capela-em-varzea-alegre-e-centro-de-peregrinacao-1.340278>

² Idem.

Em onze de março de 1926, por volta das dez horas, ele a esfaqueou até a morte. Há relatos que Bil arrancou-lhe toda a roupa e comeu parte da panturrilha da vítima, numa espécie de pacto com o “além”. Logo depois do episódio, o mesmo fugiu e com tal sumiço surgiram várias narrativas a respeito do autor do crime. A crueldade dos fatos comoveu a população varzealegrense.

Nos dois casos mencionados, a morte violenta da mulher provocada pela ação do homem apresenta uma mensagem de controle masculino sobre o corpo, a vida e a morte das mulheres, bem como desnuda experiências de punição moral e vingança social.

No que concerne às relações entre a morte violenta e construção da santidade feminina, ganha relevância os significados atribuídos ao sofrimento físico do corpo e seus liames com o imaginário religioso sobre a morte, o morrer e o além cristão.

O corpo sofredor representa um signo fulcral nos processos de construção de santidade no imaginário dos católicos, pois há tempos são compreendidos como martírios, e as vítimas, mártires aos olhos de Deus. Isto é, o sofrimento do corpo santifica a alma. Como lembra Anderson Oliveira (2011, p.47), “dentre os usos do corpo que mais atestaram a santidade, com certeza estava o relacionado ao martírio. Este sempre foi visto como a imitação máxima de Cristo e, portanto, de significativo papel na salvaguarda da fé”.

Além disso, há tradições fúnebres presentes nas memórias dos católicos idosos do Cariri que não podem ser desconsideradas. Seguindo o imaginário religioso sobre o momento da morte, é válido lembrar, nas práticas dos devotos, a viagem para o outro mundo – como eles narram a experiência da morte – é marcada por *ritos de separação* (entre os vivos e os mortos) e de *ritos de incorporação* (da alma do falecido nas dimensão do além cristão).³

Isso desnuda como as pessoas se preparavam materialmente e espiritualmente para aquela partida. Conforme Reis (1997), a despedida planejada correspondia à boa morte. Ela significava que a partida terrena não chegaria de surpresa, antes que os sujeitos prestassem contas e corrigissem seus atos perante os vivos e ainda indicassem as instruções sobre os ritos. Assim sendo, para o descanso em paz do morto e o retorno à tranquilidade dos vivos, era necessário que a morte fosse de alguma forma anunciada, por meio de doenças e/ou outros sinais do além.

³ Sobre o cotidiano da morte no Brasil do Oitocentos, Reis diz que eram considerados os ritos de separação: a lavagem e o transporte do cadáver, a queima de objetos pessoais do morto, as cerimônias no sepultamento e o luto. Outrossim, as cerimônias de purificação e os rituais de expulsão da alma da casa dos familiares. Já os ritos de incorporação “seriam aqueles dirigidos a propiciar a reunião do morto com aqueles que seguiram antes, como, por exemplo, a comida servida para a sua viagem, a extrema-unção, o próprio enterro do cadáver” (REIS, 1991, p.89).

De todo modo, morrer bem significa atender o chamado de Deus.⁴ Culturalmente, morrer fora desse cenário significa tormento para a alma do morto e consciência dos vivos, pois a morte repentina provocada pela vontade do homem representa uma quebra do ciclo da vida, um rompimento da vontade de Deus (SANTOS, 2017). Diferente da despedida anunciada, a morte trágica era atribuída aos casos em que a despedida de outrem do mundo dos vivos era repentina, sofrida e violenta, longe de casa e dos vivos que pudessem atender às suas últimas vontades e realizar as devidas orações e demais ritos religiosos.

Nos dois casos apontados, a morte à facadas apresenta uma mensagem sangrenta do poder masculino sobre o feminino, do lugar hierárquico entre homens e mulheres nas práticas cotidianas. Não diferente disso, também demonstra a moralidade historicamente formulada no território brasileiro de outrora, e que ainda mantém fortes laços nas relações sociais do Cariri do século XXI, moralidade esta que atribui à mulher pecadora e desobediente à morte da pior forma: à facadas, para que sirva de exemplo às demais.

Conclusões

A pesquisa evidencia a complexa relação entre a construção da santidade feminina e a violência de gênero nas narrativas produzidas na contemporaneidade. Os dois casos analisados reportam-se às experiências ocorridas entre os fins do Oitocentos e as primeiras décadas do novecentos. Entretanto, a continuidade das devoções no tempo presente e as narratividades na atualidade, bem como o alto índice de violência contra a mulher, desnudam permanências de valores dicotômicos e hierárquicos, pondo os homens e as masculinidades como valorativos, sobrejacente às mulheres e as feminilidades.

Continuidades históricas dos costumes e dos sentimentos de domínio e controle dos homens sobre o corpo, a vida e a morte das mulheres estão presentes nos assassinatos a partir dos quais as vítimas foram transmutadas em mártires, no catolicismo não oficial. Uma Maria casada e assassinada pelo marido, após sua recusa em voltar a viver maritalmente com ele, e a ordenação do desaparecimento da Rufina, que vivia um relacionamento amoroso com um coronel casado, põem em cena os jogos de poder sobre a vida e a morte, bem como as moralidades presentes na sociedade do Cariri de outrora, e cujas continuidades ressoam no presente. Nas memórias dos fiéis, a piedade recobriu os corpos e as almas das vítimas. Pois se

⁴ É importante ressaltar que no mundo cristão foi construída uma “pedagogia do bem morrer”, presente na formação religiosa católica brasileira (RODRIGUES, 2005). Os narradores apresentam continuidades desses saberes.

seus corpos “pertenciam” aos homens, as almas pertenciam (e pertencem) a Deus. Do outro lado do mundo, a justiça divina não falha.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniele Ribeiro. *Decifrando o sagrado feminino: o assassinato e a devoção a Maria de Bil em Várzea Alegre-CE*. 2014. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho; QUEIROZ, Zuleide Fernandes (Org.). *Histórias de mulheres: amor, violência e educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres no sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 241-277.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Corpo e santidade na América portuguesa. In: AMANTINO, Márcia; DEL PRIORE, Mary (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 45-68.

PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na história oral*. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIEDL, Titus. *Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002.

RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. *A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

_____. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. 2009. Dissertação – (Mestrado em História e Culturas), Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.